Guimarães, 20 de Outubro de 1912

1.º ano—N.º 19

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense

Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

UMA QUERELA

No cartório do escrivão dêste juizo, sr. Pires de Lima, existe uma querela promovida contra êste jornal, não sabemos por quem nem porque motivo, visto que ainda nada nos foi notificado.

Não podendo desde já apreciar a querela e seus motivos, por hoje, apenas nos limitamos a remeter os nossos leitores para a relação dos objectos existentes no tesouro da Colegiada, que vai noutro logar, pois decerto realiza-se a previsão feita pela *Alvorada* em tom galhofeiro de satisfação.

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação nêste concelho.

A BOA DOUTRINA

Um jornal de Lisboa que nos tempos da monarquia era conhecido pelo *incolor* e que desde a implantação do novo regimen tem estado sempre ao lado dele, no dia 5 do corrente, ao comemorar o segundo aniversário da república, fêz umas considerações mui sensatas em que, com certeza, está consubstanciada a opinião dominante em toda a nação. Porisso ei-las aqui:

«Não exigimos dos homens mais do que é lícito reclamar da sua natureza imperfeita e falível, mas dentro dessa imperfeição e falibilidade há ainda muita coisa bela e digna que se pode isentar de sentimentos mesquinhos e inconfessáveis. Porque não diligenciar, cedendo cada um uma parcela do seu lado, comemorar a data que hoje se celebra, tomando por norma o mais acrisolado patriotismo e pautando a sua conduta cívica por um recto e sensato espírito de tolerância? Todos ganhariam com a realização de tam altruista e racional proceder. Doi a todos quantos conseguem emancipar-se da cegueira política ver uma família pouco numerosa desunida e pretendendo hostilizar-se, quando aos seus membros competia, em nome dos superiores interêsses da nação, esforçar-se para que todos se abraçassem no mesmo fraternal amplexo de liberdade.

Não exaltamos a tolerância que degenere em licença ou que se transfigure em pusilanimidade. Não. O nosso ideal eleva-se mais alto. Ambicionamos a tolerância rasgada e generosa que provem da consciência da própria fôrça, a tolerância que não vê deante de si inimigos nem contrários, mas apenas transviados ou míopes, a tolerância que tem por principal arma a catequese e o exemplo, a brandura e o convencimento, a razão e a dialectica, a crença e o entusiasmo na sua propaganda. As ideias só vingam, quando entram pela porta do tino e da justiça. A violência contudo trucida, esmaga, vence, mas nunca convence, e o convencido, o catequizador, é quasi sempre prosélito mais fervoroso que o mesmo apóstolo. Missionar constitui um dos mais sublimes papeis distribuidos ao homem; basta que êle se compenetre da sua latitude e eficácia».

Aqui está a verdadeira doutrina prática a seguir pela gente que se meteu a governar-nos. E porque a não seguiu até agora, o resultado foi o que se tem visto e o que todos estão a ver.

Todos somos portuguêses, todos contribuimos para os encargos da nação. ¿Com que direito veem, pois, os nossos governantes julgar-se como os únicos depositários do patriotismo e considerar os que não pensam como êles por traidores à pátria? ¿Com que direito pretende impor a toda a nação o seu modo de ver exclusivista, as suas opiniões pessoais, os seus próprios caprichos?

¡Todos os cidadãos que pensam, que teem pêso na opinião pública e que cumprem fielmente os seus deveres cívicos, porque não são republicanos, hão de ceder e curvar-se deante dos imperantes da chamada democracia, e êles, os imperantes, porque se dizem republicanos, não hão de ceder em coisa nenhuma, hão de manter todos os seus modos de ver, todos os seus planos, todas as suas ambições!

¿E é por êste caminho que desejam chegar à paz que tam necessária nos é?

Não pode ser.

Com teimosias estultas, com pertinácias irritantes, com arrogâncias desprezadoras nunca houve homem público que conquistasse boas simpatias e fizesse bom papel. Pela paciência inalterável de contradições, pela afabilidade acariciadora do trato, pelo esquecimento pronto de agravos, é que se manteem à frente dos negócios públicos os políticos de tino e talento. Os outros, os mediocres, os impulsivos, os precipitados, os vingativos, podem subir e manter-se por algum tempo à fôrça de artifícios e atropêlos, mas fatalmente hão de cair, no meio do desprêso e das maldições gerais.

Sempre assim foi, sempre assim há de ser.

P. A.

REALIDADES

(*Observações de Diabo-negro*)

Conta-me o Director cá da gazeta que há dias, ou melhor, há noites, pois foi de noite, fôra abordado por uns indivíduos muito seus conhecidos que o increparam por causa das minhas *realidades* do número passado tratarem de «imbecilzitos que se corriam alegremente a *tabefe*» os acólitos do reverendo carabineiro que comandava ou, pelo menos, parecia ser o superior dos indivíduos que, após a farçada insurrecional Couceirista andavam armados a policiar a cidade durante a noite.

Alegaram êles, como motivo de queixa, não se terem especializado êsses imbecilzitos por forma a não envolver no mesmo laço homens de devotado amor patriótico capazes de arrostarem com todos os perigos, que, no cumprimento dum dever cívico de bons republicanos, também andaram a fazer o serviço de policiamento, confessando todavia que houve entre êles *garotos* (sic) mas êles foram os primeiros a protestar contra tais garotos e contra os actos que praticaram.

Mais alegaram os três cidadãos que foi devido aos seus bons serviços e aos dos seus colegas que se evitaram graves acontecimentos (talvez a saída dos monárquicos de Guimarães para a rua) porque, se não fôssem êles, teriamos hoje muitas desgraças a lamentar.

Se não tivesse o caldinho político entornado com êsses cidadãos, conquanto pessoalmente os estime muitissimo, excepto o mais velho dos três que nem no Céu quereria por companheiro se um *diabo* fôsse susceptivel de ir para lá, era caso para lhe dar aqui muitas palmas, muitos parabens e até muitos *chochos* de eterno agradecimento por nos livrarem das tais *disgrácias* que, felizmente, não tivemos de lamentar.

Assim não o faço e, como sou muito teimoso, vamos a observar.

Os cidadãos, no tocante a especializações, teem razão. Eu devia estampar nomes, e bem tarados que alguns são, atá-los ao poste da ignominia de que um dia nos falou *Félix* neste mesmo jornal, para que o povo desta terra os ficasse conhecendo com todas as suas torpezas, com toda a sua astúcia, com toda a sua manha, com toda a sua ausência de sentimentos humanos e com todos os seus instintos de fera.

Eu devia fazer isso, mas, talvez ainda não seja tarde e mais vale tarde do que nunca.

Por outro lado os três cidadãos increpantes não devem ter razão.

Eu, quando me referi aos imbecilzitos, não quiz visar aqueles cidadãos que, no cumprimento dum dever imposto pela sua qualidade de republicanos, andaram mui pacatamente, sem ostentação, sem insultarem ninguêm, sem vexarem qualquer transeunte, sem obrigar um cidadão doente a ir a pé para casa e utilizarem-se do carro que êle alugara, falando-lhe, além disso, numa linguagem altamente grosseira, sem irem a um estabelecimento comprar géneros e responder aos donos que assentassem a compra em nome de quem quizessem, que a república pagava muito bem ainda que não fôsse senão a tiro, nem fazerem outros actos deprimentes, a policiar a cidade armados de carabinas.

Esses nem sequer se tornaram notados porque, além de serem muito poucos, reconhecia-se o que era que os trazia naquele serviço—o seu amor pela república.

Mas os outros, os tais garotos que os cidadãos confessam terem tido por companheiros não podiam deixar de ser visados, e os cidadãos não teem razão para se queixarem porque, confessando que tiveram êsses garotos por companheiros e sendo públicas as garotices dêsses mesmos companheiros, ainda não tiveram um gesto público que deles os diferenciasse.

São portanto os cidadãos que o devem fazer e não eu, e, se o fizerem, eu o farei também.

Não posso deixar de referir-me com profunda mágua aos serviços alegados, devido aos quais decerto e no dizer de vários cívicos demasiadamente incivis, saíram os monárquicos para a rua pois outros não podem deixar de ser êssses serviços, visto que as maiores tropelias foram cometidas e não evitadas.

Isso afinal, que não passa duma tola fanfarronada já no auge do rídiculo, mostra bem a infantilidade com que alguns indivíduos, desejando mostrar relevantes serviços prestados à república, prestaram assim um péssimo serviço não só à cidade onde habitam, como à verdade que falseiam.

Não sejamos tam ingénuos e tam lorpas.

Podemos dizer afoitamente que havia e que ainda há muitos monárquicos em Guimarães, mas chegarmos à conclusão de afirmar que havia aqui meia dúzia de indivíduos que fôssem capazes de arriscar a pele para auxiliarem a restauração da monarquia, isso é duma crassa ignorância, é, melhor direi, não querer ver as coisas pelo seu verdadeiro lado.

Não há ninguêm, por muis inculto que tenha o espírito, que seja capaz de acreditar que se aqui houvesse um núcleo de conspiradores, bem disciplinado, bem armado e bem municiado, como para aí se dizia, se deixasse de sair para a rua com medo dos indivíduos civis que fizeram o policiamento da cidade e que, além de serem reduzidos, mas muito reduzidos em número, alguns eram tais (os tais imbecilzitos) que se vissem o caso mal parado

largavam as armas e cartucheiras e davam terra para feijões.

E a propósito lembra-me citar aqui aquele dito popular — em tempo de guerra não se limpam armas.

Pois houve menino cívico que mandou chamar à pressa o marceneiro para lhe envernizar a carabina porque à noite tinha de fazer serviço de defeza da república.

Ora já veem que se para alguns o serviço era um dever de honra republicana, para outros era uma vaidade de luxo republicano, para o qual até mesmo de noite, era preciso levar a carabina envernizada.

Não era, pois, um pequeno grupo, demais a mais composto em grande parte de tais elementos, que era capaz de impedir qualquer movimento insurreccional se êle estivesse planeado e contasse adeptos.

O *ferro* de alguns cívicos é outro, bem fácil de compreender.

Tinham-se fartado de apregoar por toda a parte que Guimarães era um foco de *talassaria*, de inimigos do regimen e de gente relacionada com os conspiradores, isto para só êles serem os verdadeiros cidadãos da república, os únicos amigos do regimen e os únicos que deviam dar ordens a todos os outros.

Dá-se a incursão e o povo de Guimarães, êstes *talassas* todos, êstes inimigos do regimen, esta gente relacionada com os conspiradores não dão o menor sinal de si e ficam-se muito tranquilamente entregues aos seus trabalhos e às suas ocupações e os cívicos ficam como que petrificados pela admiração que isso lhes produz e pela verdadeira noção que então tiveram das suas aleivosias e das suas patranhas.

E' porisso que à falta doutra defeza dizem que os *talassas* de Guimarães não saíram porque lhes tiveram medo.

Como se isso podesse acreditar-se!

Escreveu-me um democrata muito vermelhaço e muito ferrabraz a dizer que êste jornal não pode, por mais que queira, dissimular as suas ideias reaccionárias e tanto assim que sempre que fala das pessoas da família de Bragança, o faz com todo o respeito devido não à sua qualidade, mas às funções que desempenharam e se espera que voltem ainda a desempenhar.

Umas poucas de asneiras reunidas em uma folha de papel em forma de carta e nada mais.

Pelos membros da família de Bragança, incluindo o próprio senhor D. Manuel, sinto e guardo, no que me toca, o respeito que todo o homem de bem e de coração deve ter para com os vencidos exilados.

O senhor D. Manuel é um português como nós. Deixou de ser para os portuguêses o rei, mas não deixou de ser o irmão, filho da mesma Pátria.

E não é da minha bôca ou da minha pena que sairão palavras sarcásticas que o possam atingir porque, diz-mo a minha consciência, tal não devo fazer.

Ainda hoje o respeito pelos vencidos é o apanágio dos grandes guerreiros, dos grandes heróis e dos grandes corações.

E fazer isto não é ser *talassa;* é respeitar na adversidade aqueles que já foram levados em triunfo pelos que hoje os atacam.

E nada mais ao tal ferrabraz.

P. S.

O Vieira de Castro

O terrível fantasma

Não era para já a ocasião de me intrometer na acção investigadora do ilustre promotor de justiça militar sr. Tenente Valdez, mas vejo na *Alvorada* uma entrevista concedida por s. ex.ª e nela leio este período:

O Vieira de Castro era evidentemente a creatura em quem os conspiradores máximos, os cabecilhas, como o Padre Júlio e o Padre Domingos, (os organizares do movimento do norte) confiavam a acção, sendo bem de crer que êste não operasse isoladamente— ¡embora fôssem inúteis todos os esforços para obter o nome dos seus cooperadores de mais «categoria»!...

Não há dúvida, porém, de que esta cidade (Guimarães) *era o posto principal de atenção — aquele para onde deviam convergir, a um sinal convencionado, os bandos encarregados de «levantar» as povoações rurais. Posso até afirmar-lhe que a noite de 5 para 6, dessa aventura criminosa, a passaram êles de ouvido colado nas cumeadas da serra da Penha e da Lapinha à espera do sinal que aqueles que actuavam na cidade não chegaram a dar,* e, francamente, fico-me a pensar se o ilustre promotor de justiça militar falaria assim devido ao pouco conhecimento que tem da nossa terra, se estaria a *chuchar* com a *Alvorada.*

O Vieira de Castro!

Quem não conhecer este cidadão, quem não souber quem e o que êle é, fica, com certeza, a julgar que se trata dum grande homem de valor, de um valentão com largos conhecimentos e grandes simpatias capaz de arrastar atrás da sua palavra autorizada de chefe obedecido uma coorte de submissos zaragateiros prontos a obedecer-lhe no menor dos seus caprichos.

O Vieira de Castro!

Por Nosso Senhor!

Se se pretende fazer de Guimarães *o posto principal de atenção aquele para onde deviam convergir, a um sinal convencionado, os bandos encarregados de «levantar as provocações rurais,* não se pretenda fazer do Padre Júlio e do Padre Domingos, dois homens que, abstraíndo o crime que cometeram, deram sempre em todos os actos conhecidos da sua vida pública as mais evidentes provas de finura, sizudez, prudência e astúcia, tam parvos e tam idiotas que fôssem confiar a acção revolucionária a um homem como o Vieira de Castro.

Quem era e quem é afinal o Vieira de Castro?

Diga-o toda a gente de bom senso que o conhece.

No meu *dossier* de apontamentos tenho as seguintes notas a seu respeito que me foram obsequiosamente fornecidas por pessoa que o conhece de perto.

«Vieira de Castro é o verdadeiro prototipo do comerciante rude, sem preparo nem inteligência de espécie alguma.

Sabe ler como muita gente e nisso consistem todas as suas habilitações literárias.

E' verdade que não tem sido desfavorecido da sorte nos seus negócios, mas isso não o deve êle a um especial critério na forma de os dirigir, mas sómente à seriedade e honradez com que trabalha e porque nele se dá a confirmação do ditado—quanto mais bruto mais feliz.

Socialmente, Vieira de Castro é um tanto intratável, bisonho, cabisbaixo, e apenas se lhe conhecem uns raros íntimos com os quais dificilmente acompanha, pois de ordinário ou passeia só e com a família, ou não sai de casa.

Politicamente é um homem completamente nulo. Dispõi apenas do seu voto que dá a êste ou àquele político de quem recebeu um dia algum favor. Não tem importância absolutamente nenhuma.

Dinheiro não consta que tenha.

Parece viver desafogadamente do seu negócio mas não se lhe conhecem bens de fortuna que o façam destacar por êste meio no que nos outros é totalmente desconhecido.

Em resumo: Vieira de Castro é um homem essencialmente estúpido, completamente isolado, sem simpatias absolutamente nenhumas e sem a menor iniciativa, tendo sómente a seu favor a honra, a seriedade e a sorte».

Tal é o retrato de Vieira de Castro, autêntico, insofismável e completo.

¡E era êste homem o imediato aqui dos cabecilhas, dos conspiradores máximos, dos organizadores do movimento do norte Padre Júlio e Padre Domingos!

E era êste homem o chefe do *complot* monárquico em Guimarães, o cabecilha, o organizador dos *bandos encarregados de «levantar» as povoações rurais, e daqueles que actuavam na cidade!...*

O Vieira de Castro!

Pelo amor de Deus!

Se houvesse *complot* em Guimarães, o que não acreditamos por falta de bases concludentes, não digam qne era êle o chefe porque isso é irrisório.

O Vieira de Castro foi, não há dúvida, o bode expiatório de certos republicanos arranjistas porque era depositário da pólvora do Estado, negócio que me afirmam ser rendoso, e que hoje passou para um estabelecimento da grei afonsista, em detrimento doutro bode expiatório o sr. José de Oliveira Meira.

No próximo numero falarei sôbre êste caso.

Grotescos

Tamanha sarrabulhada
fizeram dos meus grotescos,
nesta semana passada,
que quando os li imaginei
ter vindo uma nova lei
contra o autor da versalhada.

Sim, aquilo foi medonho
'té roubaram o sentido
a certo verso tristonho.
. . . . . .
Haveis de me desculpar
porque vinha p'ra tratar
dum assunto mais risonho.

A banda do regimento,
segundo resam as folhas,
depois de andar como o vento
volta à casa paternal
p'ra nos adoçar o mal_
de longo mês de tormento.

Toda a Dama da Cidade,
a ser o caso verídico,
já cheia de anciedade
vai partir o coração
numa manifestação
de vivas à liberdade!

Pois se assim não fizer
lá, no meio do jardim
quando concêrto nos der,
os jornalistas locais
'stendem-se nos seus jornais
e, adeus música, até ver.

Uma caneta e tinteiro
de gosto que seja artístico
a quem ousou, altaneiro,
de novo trazê-la cá,
vai-se of'recer amanhã
de volta do cinzeleiro,

Para que assim enlevado
nas honras duma cartola
não lance por Orbe, inchado,
—que tendo feito um favor
não conquistou mais amor
nem fôra remunerado.

Tirteu.

Salão Artístico
HOJE
NITOUCHE
22 números de música!

IDÍLIO

III

Passavam dias neste casto enleio
Acalentando sempre mais amor,
Ela mimosa qual terno gorgeio,
Ele fitando-a como a uma flor.

Mas... infelicidade! de permeio
Por acaso aparece um professor
Que faz dela pulsar contínuo o seio,
Que traz ao par a mais pungente dor.

Ela pressente já que o pai, bem cedo,
Vai, lá longe, saber dêste segredo
Que lhe tornara os dias tam felizes.

Este pressentimento sai verdade
E, lá se vai de enorme saudade,
Como ave que demanda outros países.

Romeu.

A coerência dêles

¿Lembram-se da notícia que demos no número passado àcerca do chefe da polícia civil da terra sr. Isaque Afonso de Castro pregar uma dose de bofetada cívica em um pacífico cidadão que não fês barretada completa ao hino nacional tocado por uma banda de música à porta da esquadra policial no dia 5 de Outubro, um dia também cívico?

Pois muito bem. Sabem que não há lei ou disposição alguma que obrigue um cidadão a descobrir-se quando ouve o hino referido e que, se algum o faz, é porque quer demonstrar o seu respeito por êle, por delicadeza, ou ainda porque se o não fizer, leva bofetada ou *chéfica* ou *civica.*

E sabem também que ninguêm é obrigado a descobrir-se, hoje que há completa *liberdade de crenças,* à passagem de qualquer procissão religiosa e quem o faz, se não é porque professe a mesma crença, é porque não quer ser taxado de malcreado.

Ora o homenzinho gramou bofetada cívica porque não fez barretada ao hino tocado à porta da esquadra, ficando sendo conhecido como um malcreado por que não fêz o mêsmo que os outros fizeram, e no domingo passado, no mesmo dia em que isso noticiamos, saiu uma procissão religiosa em Creixomil e meia dúzia de indivíduos, militares e civis, assistiram à sua passagem de chapéu na cabeça, muito comodamente, sem que ninguêm os incomodasse.

Lá malcreados como o homenzinho do hino foram êles, mas faltou-lhes a bofetada civica porque essa... segundo o costume agora seguido... é só para os outros.

Em compensação a meia dúzia de cívicos, militares e paisanos, viram os olhares de desprêso que os católicos lhes lançaram, e então caíram em si e reconheceram a tristíssima e indecente figura que fizeram.

¡E atrevem-se a falar em respeito mútuo pelas crenças e ideais dos outros!...

"O Dia,,

Depois de uma suspensão de três msees reapareceu em 17 do corrente êste importante diário da capital combatendo, como sempre, pelos princípios da Ordem, da Autoridade e da Lei.

Apesar de pequeninos, daqui saudamos com o melhor entusiasmo o brilhante e denodado lutador, lustre e glória do jornalismo português, fazendo ardentes votos porque a sua vida agora reencetada seja duradoira e a sua obra frutifique.

A UMA EXILADA

De longe te dirige algumas palavras de saudade quem não pode esquecer-se de ti porque te quer muito e porque se lembra de quanto te deverão ser penosos os dias que passas longe da tua pátria e dos que te estremecem.

A nostalgia da Pátria!

Aquelas saudades que se sentem por êste torrão amado em que balbuciamos as primeiras palavras e arriscamos os primeiros passos da nossa infância!

Como é dolorosa essa lembrança e como mais dolorosa deve ser ainda quando a gente se encontra privada, não por falta de meios e de vontade, mas por falta da própria segurança, de voltar a ela!

Eu também já senti essa nostalgia, êsse desejo ardente de voltar depressa à terra onde nasci.

Vai já há muitos anos.

Eu estava longe, lá muito longe, em terras do Dondo lá para as paragens africanas, senti umas fortes saudades da minha Pátria, da terra onde nasci, dos meus companheiros dos brinquedos da infância, e um dia vim, quando me apeteceu, e por cá me fiquei, até que tu vieste ao mundo e depois tuas irmãs e eu comecei a amar-vos a todas consoante ieis aparecendo.

Então era eu que fui e vim.

Hoje és tu que foste e não sei se poderás voltar.

Tu não és uma criminosa eu bem o sei.

Mas amas, tens um marido que idolatras e, como boa mulher e esposa modêlo que és, sabes onde é o teu lugar — ao lado de teu marido que é o teu ser, o teu sangue e a tua carne, visto que lhe entregaste a vida quando lhe deste o teu coração.

Lá longe, distante dêste Portugal querido, nessa França estonteante e arrebatadora, tu deves ter tido umas saudades amargas, uma infinda vontade de voltar ao teu torrão querido.

A nostalgia da Pátria!

Teu marido deve sentir-se abatido, acabrunhado, pequeno, deixa-me falar assim, por não poder superar as barreiras que lhe são antepostas para vir ver e administrar as suas propriedades, os seus dinheiros, as suas riquezas.

E lá longe, muito longe, nessa França estonteante e arrebatadora, vós haveis de relembrar os dias ledos que aqui passavas, o chilrear dos nossos passaros, o mormurar dos nossos ribeiros, o ciciar da nossa brisa, o sol das nossas primaveras, o sorriso das nossas crianças, os ditos galhofeiros dos nossos velhos, o som estridente do sino da nossa igreja... e a paz do nosso cemitério onde tencionavamos repousar o tempo insondável que se segue à nossa vida.

Mas espera, mulher.

...Deus é pai sómente aos maus condena
Foi por quem pena que penou Jesus.

No livro enorme da Providência há páginas brilhantes que só Deus conhece.

Tu sofres hoje muito, eu bem o sei, mas é possível que amanhã te desforres em goso de todos êsses sofrimentos.

Espera. Tem confiança em Deus.

Deus é pai e não desampara os filhos que nEle creem.

Crê em Deus.

E' muito crível que depois desta nortada sobrevenha um tempo bonançoso e que teu marido e tu possais voltar ao torrão querido.

Crença em Deus porque Deus é grande.

Firmo.

Então quem é êle?!...

Santo Tirso.

Festa do 2.º aniversário da república.

Uma sessão solene em que falam vários oradores republicanos.

A sala está cheia de espectadores que escutam ávidamente os discursos.

Tem a palavra um cidadão muito conhecido que, entre outras coisas diz, pouco mais ou menos, o seguinte:

—E' verdade que eu era monárquico tendo sido eleito deputado, mas no fundo, no meu íntimo já há muito que era republicano, já desde os meus tempos de Coimbra que sentia grande simpatia por êsse regimen que é de todos o melhor que se conhece.

«Nada há como a república, a qual todos devem abraçar».

«O ideal democrático é o idial mais perfeito».

«Dantes estavamos sujeitos a um rei que subia ao trono por herança, quer fôsse bom, quer fôsse mau».

«Hoje não há rei. Há um presidente da república escolhido e eleito pelo povo».

«Hoje qualquer de vós (isto era dirigido ao povo) pode muito bem chegar ao lugar do sr...»

O orador engasga-se, engole em sêco, olha para o tecto, bate uma palmadinha na testa e, como lhe não venha a palavra salvadora à imaginação pergunta a um vizinho:

—Como é que se chama êle?

—Manuel de Arriaga, responde o perguntado.

Então o orador retoma a posse de si mesmo, cobra ânimo e exclama radiante:

—E' verdade, hoje qualquer de vós pode chegar a ser o sr. Manuel de Arriaga.

O orador era o presidente da meza da sessão solene.

Aqui está um grande republicano, que foi monárquico mas já era ao mesmo tempo republicano há muito, a predizer tantos Manueis de Arriaga, e que esquece em momentos solenes como aquele o nome do venerando presidente da república.

Os engraxadores

Ante-ontem vimos um cavalheiro desta cidade ler na «Alvorada» a parte das *notas da policia* que diz que esta providenciou para que os engraxadores não possam estar juntos a provocarem-se, no Toural, e comentou com imensa graça:

—Não há dúvida. A providência da polícia foi sôbre as caixas e não sôbre os engraxadores. Aquelas lá estão colocadas nos sitios que lhes destinaram, mas estes continuam a reunirem-se no Toural a provocarem-se e a socarem-se.

Perfeitamente exacto.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

O primeiro banho

O *República*, dirigível oferecido pelo directório do partido republicano ao govêrno, tomou há dias o seu primeiro banho... forçado nas salsas águas do mar profundo, devido à forte ventania e a um desarranjo no motor.

Ora eis aqui um grande meio de defeza que o país vai em breve ufanar-se de possuir.

Se um dia se der uma bravata da pretalhada em algum dos nossos domínios ultramarinos ou qualquer invasão nos nossos territórios, não teremos navios que nos defendem, mas, em compensação, teremos navegação aéria para vermos os invasores... do alto por um óculo e para lhe cairmos no papo se o vento soprar com força e os motores tiverem uma das suas muito habituais *panes*.

Surpreendente!!!

Azeitona d'Elvas a 120 e 200 réis chegou à CASA BARBOSA.

Presos políticos

Lemos no «Notícias».

"As vitimas dos pseudo-republicanos de Espozende,,—Com êste título, acaba de se publicar em Braga um folheto, que é assignado pelos presos políticos daquele concelho, e em que se diz que a prisão de todos êles obedeceu a ódios e vinganças de varios cavalheiros daquele concelho que se intitulam republicanos.

Esse folheto está escrito com raro desassombro e energia, parecendo que aos signatários assiste grande parte de razão nas afirmações que fazem.

Como as acusações no folheto contidas são graves, sôbre elas não deixará de incidir a vista perspicaz e desapaixonada dos ilustres membros do tribunal marcial de Braga.

Terminam os signatários pedindo justiça, e certamente ela não deixará de ser feita a quem a merecer.»

De toda a parte saem uns clamores de justiça, mormente das cadeias onde se encontram presos políticos, contra actos despóticos de indivíduos que exercem vinganças para satisfação de ódios antigos, não se pejando de forjar os maiores embustes.

Temos também em nosso poder uma carta dum prêso político que a seguir publicamos:

«... Redactor

Venho pedir a v... a publicação destas linhas para esclarecimento da verdade.

Eu João Pinto e meu companheiro de prisão Francisco José Leite fomos presos o ano passado, um a 19 de Agosto e outro a 29, estivemos presos até 27 de Maio e só nos deixaram andar em liberdade até 1 de Agosto em que nos tornaram a prender.

¿Quer v... que lhe explique qual o motivo da nossa prisão?

Foi porque um cidadão, o sr. José Duarte Guimarães já o ano passado foi uma testemunha que foi depor contra nós sem nada saber e como nós ficássemos indignados com aquela infâmia e não lhe ligavamos importância, êle jurou que nós havíamos de ir e não voltar e que havia de arranjar a que fôssemos presos.

Assim o fêz, e se não foi êle jurar contra nós pediu a quem fôsse dar parte de nós, dando bons jantares em sua casa a quem a isso se prestou.

¿Quer saber o resultado disso?

Foi ter ficado presa uma dessas testemunhas porque se apurou que veio jurar falso e acha-se processada na cadeia de Guimarães.

Para mais esclarecimentos da verdade saiba que essa testemunha mandou pedir auxílio ao dito cidadão José Duarte Guimarães, dizendo-lhe que se não fôsse êle que não estava metido assim nuns assados, que êle foi quem lhe pediu para dar parte dos presos e que até o acompanhou a ir dar parte ao sr. administrador.

Termino por lhe pedir desculpa do incómodo, etc.

(a) *João Pinto.*

Aí fica a carta.

O signatário não nos diz de onde é, mas cremos ser dos lados de Abação dêste concelho.

Terminamos dizendo como o «Noticias», importante diário portuense, que certamente não deixará de ser feita justiça a quem a merecer.

E DEPOIS...

Três asteriscos são a sombra que encobrem um indivíduo qualquer que na última *Alvorada* publica o seguinte comunicado:

Comunicados

Ao sr. administrador do concelho pregunta-se: ¿Porque não manda, como é de lei, executar a firma Costa, Lerdeira & C.ª pela derrama de 1911 que deve a Urgezes?

Com tempo perscrutaremos se o mal é do regimen ou dos republicanos de barriga...

***

Republicanos de barriga!

No caso vertente não há outro senão o administrador, que está a comer a dois carrinhos como veterinário municipal e como administrador, porque os outros não nos consta que tenham ou pedissem qualquer logarzinho remunerado.

Quanto ao mal, quantas vezes temos aqui dito que êle não é do regímen mas dos republicanos que o comprometem.

Eles também assim o entendem, mas não lhes convem atiçar o fogo; todavia êste já vai falando de cadeira.

E depois... nós é que somos maus...

EM VIZELA

Vende-se uma casa muito barata, com dezasseis compartimentos, na rua Dr. Pereira Caldas n.º 52, inclue-se no mesmo preço toda a mobilia que tem.

Dirigir a Josefa Couceiro, rua da Alegria n.º 1010. Porto.

Relação dos objectos preciosos do tesouro da colegiada

(Extraída do 2.º vol. do livro *Guimarães* do P.ᵉ António José Ferreira Caldas)

Na descrição dêstes objectos, que mais notáveis se tornam pelo seu merecimento histórico ou valor artístico, seguirei muito de perto o erudito arqueólogo Vilhena Barbosa, porque cuidadosamente verifiquei a exactidão e o escrúpulo com que minuciosamente estudou o assunto; omitindo contudo algumas observações críticas, alheias da minha obra, e rectificando uma ou outra inexactidão passageira, que porventura lhe escapou ao correr da pena.

Guarda-se na sacristia da colegiada em um grande armário, embebido na parede, com portas chapeadas de ferro, o magnífico tesouro de vasos sagrados, cruzes, jóias de ornato da imagem da Senhora, e outras muitas alfaias, algumas das quais são verdadeiros primores de arte, e outros padrões gloriosos da nossa história, formando por isso o tesouro mais rico de objectos de arte antiga, que existe no nosso país.

Sem atender à ordem cronológica apresentarei em primeiro lugar o famoso oratório de D. João I de Castela, que tomado na batalha de Aljubarrota por D. João I de Portugal, foi por êste monarca, com outros mais objectos de valor, oferecido à Santa Virgem. E' exteriormente de madeira e em forma de armário, com duas meias portas, tendo de altura 1ᵐ,34, de largura, estando fechado, quási um metro, e se estiver aberto dous metros aproximadamente. No interior é todo de prata dourada e com obra de esmalte. O corpo do armário, que terá de fundo uns dez centímetros, divide-se na largura em duas partes: a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma câmara; a superior apresenta a forma duma fachada gótica, puxada à frente do armário, e fazendo abobada à inferior. Nesta acha-se a cama em que está deitada uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus: e aos pés da cama S. José sentado e encostado ao seu bordão. Por cima da cama e das imagens ressalta da parede da câmara, no centro, uma representação da manjadoura, que serviu de berço ao Menino, com as cabeças do boi e da mula, e nos lados dous meios corpos de anjos com turíbulos, como incensando o recem-nascido. As imagens da Virgem e de S. José teem perto de trinta e quatro centímetros de altura e são, bem como o Menino Jesus, de vulto inteiro, tendo o rosto e as mãos com encarnação e o resto a prata dourada. As paredes e abobada da câmara são vestidas de folha de prata dourada com seus lavores. A fachada gótica é toda de prata dourada com esmaltes de diferentes côres e compõe-se de dous corpos distintos: o superior apresenta a parede ornamentada dum edificio gótico, na qual se estende uma galeria de nove janelas contíguas, delineadas segundo o mais puro gosto daquele estilo arquitetónico, ressaltando da dita parede sôbre a galeria das janelas dous anjos, um em cada extremidade, segurando dous escudos de armas de el-rei D. João I de Portugal: o corpo inferior consta de quatro arcos, que formam a abobada da câmara ou presépio, e sustentam outros tantos pavilhões sextavados, em que se abrem brincadas janelas ogivais, tudo guarnecido de lindos esmaltes. São separados os quatro pavilhões por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capelinhas, que se encostam à galeria acima referida. Nas cinco misulas dos quatro arcos vêem-se cinco pequenas estátuas de anjos, de vulto inteiro, com tochas nas mãos, fazendo-lhes docel cinco formosos coruchéus, rendilhados, que terminam em esbeltas e delicadas agulhas.

As duas meias portas do oratório teem o mesmo fundo dêste, e dividem-se também em duas partes, superior e inferior, tendo em cada divisão uma câmara ou capelinha, com as paredes vestidas de folha de prata dourada com lavores, e coberta por dous arcos ogivais que sustentam uma como parede toda lavrada com diversidade de desenhos esmaltados. Na meia porta do lado direito está representada a Anunciação; na parte superior e na inferior a Apresentação; na outra meia porta está figurada na parte superior a Adoração dos Pastores e na inferior a Adoração dos Reis. Todas as figuras são igualmente de vulto inteiro, de prata dourada, com encarnação no rosto e nas mãos e da mesma altura das da Senhora e S. José, que estão no presépio.

Em tudo quanto respeita a arquitectura e ornamentação é êste oratório obra muito para se ver e admirar; mas em quanto às figuras deixa muito a desejar, principalmente em correcção de desenho.

Nos escudos das armas, que os dous anjos sustentam, foram substituidos os leões de Castela pelas quinas de Portugal, por ordem dos cónegos, que dêste modo quizeram mostrar, que tal preciosidade fôra dádiva dum monarca português; sem se lembrarem que tal alteração vinha escurecer a glória, com que foi ali trazido, e daria ocasião a ignorar-se a sua procedência, como aconteceu a Gaspar Estaço, que nas suas Várias antiguidades de Portugal diz que êste oratório se fizera da prata, a que se pesou D. João 1, e dera de esmola à Senhora.

O costume de se expor êste oratório no altar da capela-mór desde o dia de Natal até à Epifánia e na festa de Nossa Senhora, já caiu em desuso, porque actualme não sai do tesouro.

E' igualmente estimável como relíquia santa e como objecto arqueológico e mui antigo um cális chamado de S. Torquato, porque segundo a tradição e antiquissimas memórias escritas, pertenceu àquele santo arcebispo de Braga. E' de prata dourada e de singular feitio, sobretudo pelo grande diametro da base, pesando cinco marcos e meio. Não sobresai por delicadezas e primores de esculptura, mas tem alto merecimento artístico pela obra de esmalte. A base é recortada em oito grandes divisões ponteagudas, separadas por ornatos de volta redonda. Nas oito grandes divisões estão as imagens de Nossa Senhora e as de sete Apostolos, todas de esmalte e cada uma ocupando um daqueles oito repartimentos. A patena tem representada a Santíssima Trindade também com esmalte.

Um outro calix de menos remota antiguidade, mas de maior beleza e de mais aprimorado trabalho na elegância do desenho, na profusão e boa distribuição dos ornatos, na perfeição das esculturas, e principalmente na fantasiosa invenção e brincados lavores dos ornamentos góticos, o que mostra ser obra dos princípios do século XVI, época em que a ourivesaria portuguêsa chegou ao seu maior aperfeiçoamento, *principalmente em Guimarães*, onde há toda a razão para acreditarmos que fôra feito. Foi oferecido a Nossa Senhora nos fins do reinado de D. Manuel, por Fernando Alvares, mestre-escola desta colegiada. E' de prata dourada e pesa oito marcos menos uma onça. Na base avultam as figuras de oito Apostolos esculpidas em alto relêvo, e por cima a meia altura do cális, vêem-se seis esbeltos nichos, unidos por colunas e variados ornamentos góticos, e coroados por baldaquinos rendilhados. Ocupam êstes nichos as estátuas da Virgem e de cinco Apostolos, e na parte superior tem em torno do cális, em esculptura relevada, um formoso grupo de anjos em adoração.

Um cális de prata dourado a massa, que serve nas maiores solenidades.

Outro igualmente de prata com umas armas riais na base, que serve na sexta-feira santa, e ainda mais dez cálices, alguns dourados, que são todos do uso da igreja, e que pesam com as respectivas patenas quási trinta e três marcos.

Entre as diversas *custódias*, que se guardam neste tesouro, extrema-se pela sua grandeza, pelo seu valor intrinseco, pela originalidade e beleza do feitio e pelo primor com que está fabricada, uma custódia de prata dourada com o pêso de vinte e cinco marcos e mais duas oitavas, oferecida a Nossa Senhora pelo cónego Gonçalo Anes em 1534. Tem de altura noventa e cinco centímetros e quási a mesma medida de circunferência na base, incluindo as figuras em que assenta. Estas figuras representam dous grifos e duas esfinges, tendo nos intervalos quatro garras de águia, empolgando quatro bólas. Eleva-se a base em três degraus à maneira de trono, tendo esculpidas no último em meio relêvo as imágens de Nossa Senhora com o Menino, Santa Isabel e seu filho, S. João Baptista e S. Pedro. Desta base ou peanha levanta-se

o tronco, lavrado com diversidades de desenhos, tendo a meia altura seis nichos com estátuas de santos, debaixo de baldaquinos vasados e lavrados como rendas. Sustenta este tronco um como prato oblongo, do centro do qual se ergue a pixide entre dous pilares, compostos de delgadas colunas, e rematando em nichos com pequenas estátuas e com floreados baldaquinos. Junto da pixide e dos pilares sobre a borda do prato, estão dous anjos em adoração, tocando instrumentos de vento, e no lado oposto outros dous em posição igual. O prato é guarnecido duma brincada renda e adornado com seis campainhas, que pendem da base dos pilares de cada um dos anjos. Serafins, silvados e rendas fazem três cercaduras em volta da pixide, sobre a qual se eleva um pavilhão, em que se abrem quatro nichos com as estátuas dos quatro Evangelistas, a que fazem docel outros tantos baldaquinos de delicadissimo lavor. Um elegante coruchéu todo lavrado de arabescos, flores e querubins, e coroado pela imagem de Cristo crucificado, serve de remate a esta preciosa e formosíssima custódia. Debaixo do prato em que pousa a pixide está gravada a seguinte inscrição: *Esta custódia foi acabada na éra de 1534*. Também não há noticia positiva da terra em que foi feita, mas crê-se com muito plausivel fundamento, que fôra em Guimarães.

Uma outra custódia de prata com o pêso de seis marcos, e com uma relíquia do calcanhar direito de S. Torquato, dada pelo D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira; e ainda outra de prata dourada com a relíquia do Santo Lenho; parece-me que foi dádiva de fr. Agostinho de Jesus, arcebispo de Braga.

Não é menos admiravel pela excelência do trabalho uma cruz grande de prata branca, fabricada na mesma época—ano de 1534—e doada à igreja da colegiada pelo mesmo cónego Gonçalo Anes. Forma a base da cruz um como trono sextavado, composto de quatro corpos, três a modo de degraus, e o quarto, em que assenta a cruz, representando o Calvário. Toda esta obra é de prata e em cada uma das dezoito faces daqueles três corpos tem esculpido um quadro de baixo relevo.

Os seis do corpo inferior representam: Judas entregando Cristo; Jesus Cristo em casa de Pilatos; o Senhor com a cana verde; Cristo amarrado à coluna; os judeus açoutando o Senhar; e Jesus Cristo indo para o Calvário. Nos seis paineis do segundo corpo, que são mais pequenos, porque os degraus vão diminuindo de altura, representam-se: dous passos da vida de Nossa Senhora; dous passos da vida de Cristo; a degolação de S. João Batista, e o profeta Daniel. Nos seis baixos relevos do terceiro corpo vêem-se: S. João Evangelista escrevendo o Apocalipse; S. Mateus escrevendo o Evangelho; Nossa Senhora com o Cristo morto nos braços; A Resurreição; S. Marcos, e S. Lucas. Todos estes quadros são divididos uns dos outros por mui bem lavrados pilares, adornados de nichos com as estátuas de Salomão, Moisés, seis profetas, quatro Evangelistas e quatro doutores da Igreja. Os pilares, rematando em esbeltas agulhas, ornadas de mui delicados relevos, os brincados baldaquinos que cobrem as estátuas e os quadros, e os variadíssimos relevos, que resaltam por toda esta fábrica, tudo no estilo gótico florido, dão-lhe um aspecto grandioso e encantador.

O pequeno calvário, sobre o qual se ergue a cruz, é todo lavrado em àrvores, penedos, cáveiras e ossos. A cruz é toda guarnecida com muita diversidade de lavores, entre os quais avultam onze medalhas de cada lado, umas quadradas, outras circulares, com diferentes bustos. Serve na procissão de *Corpus Cristi*, alçada numa aste de madeira.

Uma cruz grande de prata, com a imagem de Cristo, dourada, que serve no altar-mór durante os ofícios da Semana Santo, e na adoração em sexta-feira santa. Pesa treze marcos e vinte e oito oitavas, e é de fábrica relativamente moderna. Noutro tempo esta cruz com mais seis castiçais de prata, e iguais a ela na altura e na forma, servia de banqueta de uso na capela-mór.

Mais duas cruzes ambas de prata e antigas, uma das quais serve nas procissões do cabido e outra nos enterros da curaria.

Outra peça antiga e muito curiosa é um cofre de prata maciço, todo guarnecido de lavores em relevo, com o brazão de armas dos Cunhas. Foi oferecido a esta colegiada pelo seu D. Prior Rui da Cunha. Nêle se depositaram algumas relíquias de diferentes santos, as quais trouxe de Roma para esta igreja o arcipreste Fernando Gonçalves. Pesa vinte e sete marcos e duas onças, e era dantes conduzido em algumas procissões.

Um cofre de folha de prata sobre madeira, que serve no enterro do Senhor, e outro mais pequeno, todo de prata, que se mete dentro daquele no mesmo entêrro.

Um outro cofre de prata com madeira por dentro, em que se guarda a cabeça de S. Rodrigo, dantes muito procurada pelas pessoas mordidas de cães danados.

Uma imagem de Nossa Senhora da Oliveira com um colar de quarenta contas de ouro; tem na peanha as armas dos Pereiras e pesa tudo dezasseis marcos e quatro onças. Outra do Anjo Custódio, com peanha, tudo de prata, e outra de S. Sebastião, igualmente de prata, dada pelo dr. Baltazar Vieira, e pesa dezassete marcos e três onças menos duas oitavas.

Um relicário do Bedel ou Masseiro, com a imagem de Nossa Senhora, e cadeia para o suspender do pescoço sobre o peito, tudo de prata, e a massa com quatro cadêas do mesmo metal, pesando tudo dezoito marcos e duas onças.

Oito pequenos cálices ou purificadores de prata, que servem nas missas dos fieis defuntos e nas do Natal.

Um crucifixo de prata, que serve na administração da santa-unção.

Uma cápsula de prata lavrada com peças de latão ou cobre dourado, obra moderna, que serve para expor o Santissimo Sacramento em quinta-feira maior.

Um porta paz, de prata, com a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um rosário de jacintos encadeado em ouro; outro de contas enfiado em cadeia de prata delgada, com as extremidades de filigrana e cruz de prata, e outro de alambres com sessenta e seis ditos grandes.

Uma bandeja grande, antiga, de prata; e outras duas mais pequenas, modernas, igualmente de prata.

Também aqui se guarda, como objecto de valor histórico, o *pelote* de el rei D. João I, o qual — segundo a tradição—êste monarca trazia sôbre a armadura, na memorável batalha de Aljubarrota, e é uma espécie de casaco, sem gola e sem mangas.

Este trajo usou-se entre nós desde o século XIV até fins do XVI.

O de D. João I era primitivamente de brocado de ouro e seda; porêm agora pouco ouro se lhe divisa: tam gasta se acha do correr dos tempos, e das mãos que teem pegado nele.

Não obstante achar-se despojado do metal, que o devia tornar muito pesado, ainda assim não pesa menos de seis a sete kilogramas, por causa dos volumosos chumaços que tem, principalmente no peito.

Foi oferecido a Nossa Senhora pelo referido monárca; e ainda hoje a 14 de agosto, aniversário da gloriosa batalha, é esta veneranda relíquia exposta ao público, suspensa duma vara, num dos arcos do Padrão de Nossa Senhora da Vitória.

Além destas peças, que são as mais notáveis do tesouro, e algumas outras, cuja descrição omiti, muito dignas de particular atenção não só pela sua notável antiguidade, mas também pela elegância das formas e belezas de escultura, existem ainda no mesmo tesouro muitas joias de ornato da imagem da Virgem da Oliveira que apenas servem em dias festivos e das quais eu mencionarei as mais importantes.

Uma coroa grande de ouro maciço, toda cravejada de brilhantes, esmeraldas e rubîs, de muito merecimento artistico e de subido valor. ***Termina esta coroa por uma pequena pomba, que tinha cravado no peito um grande e formosissimo brilhante, que lhe foi roubado com abuso de confiança, sendo a primitiva pedra substituida por uma de igual volume, mas sem valor.*** (*) Esta coroa foi mandada acabar em Lisboa pelo D. Prior D. Paulo de Carvalho e Mendonça, custando o seu feitio 400$000 réis.

Um peitoril de ouro, todo cravejado de pedras preciosas, e coberto de tremedeiras falsas; tem no centro e cravada no mesmo uma cruz de Aviz de formosas esmeraldas verdes, dádiva de el-rei D. João I.

A *meada da Senhora*, consiste em numerosos e compridos cordões de ouro, muito delgados, reunidos em forma de meada, dum trabalho esmerado e delicadissimo. Enfeita-se com ela a imagem da Virgem, quando conduzida em procissão no dia 15 de Agosto. É entre nós tradição, que esta meada fôra feita do primeiro ouro que recebemos da India.

Um colar de ouro com cruz, esmaltada no meio.

Uma cruz prelatícia, peitoral, de ouro, suspensa duma cadeia do mesmo metal, que era de uso do arcebispo de Goa D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, que sendo depois arcebispo de Braga a ofereceu à Virgem, por ocasião da sua romaria a esta igreja.

Além das peças descritas, que são as mais valiosas, ainda a Senhora possui aneis, pulseiras, broches, comendas e outras joias e peças de ouro, guarnecidas de aljofares e esmaltes, etc., de bastante valor e merecimento. Este tesouro era ainda opulento e notável em variadas e numerosas reliquias de santos, como consta do extracto seguinte:

Dominis Invictissimis, ac Triumfatoribus gloris, Sancti Salvatoris, Sanctæque Genenitricis Mariæ semper virginis; primos in ecclesia positos sanctos apostolos, Petrus, et Andreas, Jacobus e Joannes, Philipus et Bartholomeus, Thomas et Matheus, Jacobus et Thadeus, Simon et Judas Cananeus, cum glorioso ultimo Paulo, dogmat egregie Celesti curia sublimatus. Pontificum etenim Christi, Cleti, Cypriani, Martini, Christofori, cum comitibus Torquati, Saturnini, Augustini; atque his felici martirio consecratos, nonnulli confessione floribus ornatos, Sanctis Dei Martyribus, Acycli, Romani, Valeriani, Facundi et Primitivi, Justi et Pastoris, Adriani, Juliani, Sebastiani, Gregorii, Felicis, Tirsi, cum socios sacro cruore perfuzos: Beatissimarum Dei Virginum, Eulaliae, Leocadiae, Christinae, Victoriae, Basiliçae, Nataliae, Justae, et Rufinae, Agnetis, et Emerentianae, cum ceteris Virginibus, thalamo Christi sociatas, et ejus Genetricis adnexas, quorum Baselica sita est in jam dicta villa vimaranes, etc.

Confirma-se a existência destas reliquias, noutra doação de D. Gonçalo, filho da fundadora, a favor desta mesma igreja, outorgada em 983. Veja-se o artigo *Reliquias* no «Elucidário de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Se todos êstes objectos são muito para ver e admirar, não nos deve causar menos admiração acharmos ali conservadas todas essas riquezas, depois de duas invasões estranjeiras, que assolaram a província do Minho até à cidade do Pôrto, a do exército hispanhol, comandado pelo general Taranco nos fins do ano de 1807 e a do exército francês sob as ordens do marechal Soult, duque de Dalmacia, na primavera de 1809. Deve-se a conservação destas preciosidades a alguns membros da colegiada, zelosos e diligentes, que esconderam todos êsses objectos, apenas constou da aproximação dos invasores. Não se pense, porêm, que êstes deixaram Guimarães sem exercerem a rapina na colegiada. Levaram ainda assim daqui muitas peças de prata, que representavam um grande valor, e cujo peso se calcula em trinta e seis arrobas! Entre muitas outras peças roubadas foram oito tocheiras de prata, que pesavam duzentos e quarenta e tres marcos, com as armas de Luís Alvares de Tavora, conde de S. João da Pesqueira e primeiro marquês de Tavora; seis piveteiros grandes, muito bem obrados, que pesavam doze marcos e seis onças; seis castiçais grandes de prata, que com a cruz, que ainda existe, formavam a banqueta do altar-mór: muitos outros castiçais pequenos, e cinco alampadas de prata, que alumiavam continuadamente à Senhora, e das quais uma pesava setenta e tres marcos, duas onças e meia oitava, dádiva de el-rei D. João I: outra que pesava cincoenta e um marcos e meio e duas oitavas, dada pelo cónego Luís Mendes; e outra do peso de sessenta e um marcos e tres oitavas, que igualmente alumiava a Virgem por obrigação do morgado, que instituiu D. Jorge da Guerra, bispo de Angola; o que tornava este tesouro muito mais rico do que é presentemente.

(*) Este grifo é nosso para se salientar que já houve um roubo.

Regimento de infantaria n.º 20

Anúncio

O conselho administrativo dêste regimento faz público que no dia 4 do mês de Novembro próximo, pelas 11 horas, na sala das suas sessões, se há de proceder à arrematação em hasta pública para o fornecimento de géneros e combustível, para a confeção dos ranchos do regimento e das dietas do hospital militar desta cidade, desde 1 de Dezembro de 1912 a 30 de Novembro de 1913.

As propostas, organizadas conforme o modêlo junto ao caderno de encargos, serão entregues, em envólucro fechado e lacrado, no conselho administrativo, até à hora anunciada para a arrematação, acompanhadas da quantia de réis 30$000, como caução provisória.

A caução definitiva será de 5 o|o do valor calculado do fornecimento.

As respetivas condições e o caderno de encargos, do qual constam os géneros a fornecer, acham-se patentes neste concelho administrativo em todos os dias úteis, desde as 11 ás 15 horas.

Quartel em Guimarães, 19 de Outubro de 1912.

O secretário do conselho administrativo
Jácome Maria Oom do Vale.
Tenente de infantaria 20.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Ano (sem estampilha)	1$200 rs.
Semestre	600 „
Trimestre	400 „
Pelo correio acresce o porte.	
Número avulso	30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 „
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.mo Sr.